



### *Ave Maria*

Prezados irmãos e irmãs da Família Servita e amigos!

Não existe na Igreja nenhuma outra celebração durante o ano que esteja emotivamente ligada a nós como o Natal. Experiências humanas profundas fazem parte desta celebração desde nossa infância: experiências de alegre expectativa, de solidariedade e bondade humana, de segurança e intimidade. No fundo, porém, esta celebração traz em seu bojo uma verdade da nossa fé que toca particularmente o nosso coração e é, ao mesmo tempo, incrível, porque nos mostra a realidade de um Menino recém-nascido, que é Deus mesmo que se aproxima e fala conosco. Esta verdade não é algo óbvio e, por isso, continua sendo incompreensível para a mente humana.

Nos primeiros séculos da Igreja havia cristãos escandalizados (como o herege Marcião<sup>1</sup>, por exemplo) pelo fato que o Filho de Deus tivesse vindo ao mundo como um menino pequeno e impotente. Esses “*cristãos escandalizados*” achavam que a vinda do Messias, descrito pela Carta aos Hebreus como “*superior aos anjos*” e que “*o adoram*” (cf. *Hb* 1, 4.6), não podia ter começado sua vida terrena de outra maneira a não ser como homem adulto, de per si poderoso, desde o momento do seu batismo no rio Jordão. Não podiam imaginar que a infância de Jesus não tivesse nada a ver com sua missão divina, própria do Cristo.

Sendo honesto, às vezes tenho pensamentos parecidos com esses quando rezo diante do presépio. Mais de uma vez veio-me à mente a famosa frase do teólogo Karl Rahner: “*Crer significa suportar a incompreensibilidade de Deus pela vida inteira*”. Muitas vezes penso e me pergunto: se fosse um dos pastores de Belém e me fosse permitido ver “*Maria e José e o Menino deitado na manjedoura*” (Lc

---

<sup>1</sup> MARCIÃO - ou Marcion - foi um dos mais proeminentes heresiarcas durante o Cristianismo primitivo (NdT).

2,16), olhando para o recém-nascido, será que eu acreditaria no anúncio do anjo aos pastores? *“Hoje na cidade de Davi nasceu para vós um Salvador, que é o Cristo Senhor”* (Lc 2,11).

Honestamente, não estou sempre convencido, embora hoje, para nós, seja mais fácil crer. Isso porque conhecemos toda a história de Jesus, desde seu nascimento até sua ressurreição e crescemos e amadurecemos nesta fé desde o nosso batismo. No entanto, como disse Karl Rahner, Deus será e permanecerá sempre incompreensível para nós. Não só na imagem do “Messias-Menino” Deus se mostra a nós como incompreensível, mas o faz frequentemente também em outros momentos da nossa vida, por exemplo, quando não responde às nossas orações, quando não realiza de jeito nenhum o que fervorosamente lhe pedimos e suplicamos. Ou quando nos faz sentir dolorosamente seu afastamento e distância em fases difíceis da nossa vida nas quais temos tanta necessidade dele. Ou então quando intervém surpreendente e inesperadamente em nossa vida bloqueando nossos caminhos e sugerindo-nos e ensinando-nos, pelo contrário, seu modo e seu estilo.

Frequentemente Deus é incompreensível e isso, para nós, não é fácil aceitar. Pessoalmente, a breve história do “Sapateiro Conrado”, que quero compartilhar com vocês, me tem ajudado a aproximar-me do “Deus incompreensível” em minha vida e a compreendê-lo melhor.

“Hoje de manhã Conrado, o sapateiro, levantou-se cedo, pôs em ordem sua sapataria, acendeu o fogão e preparou a mesa. Hoje não queria trabalhar. Esperava um hóspede. O hóspede mais importante que se possa imaginar. Esperava o próprio Deus. Isso porque a noite antes, Deus lhe havia revelado em sonho o seguinte: “Amanhã serei hóspede em tua casa”. Agora, sentado à mesa da sala, num ambiente aquecido, aguardava a Deus com o coração cheio de alegria.

De repente ouviu passos lá fora e alguém batia à porta. Conrado apressou-se em abrir. Mas não era Deus, era apenas o carteiro que estava com frio e percebeu seu desejo de compartilhar uma xícara de chá quente que Conrado havia preparado.

Conrado o fez entrar, ofereceu-lhe uma xícara de chá e aqueceu-o. “Obrigado”, disse ele, e acrescentou: “Isso me fez bem”. E continuou seu árduo caminho.

Logo que o carteiro saiu da casa, Conrado rapidamente arrumou de novo a mesa e sentou-se perto da janela aberta para esperar o hóspede. Sem dúvida chegaria logo. Mas por toda a manhã até meio dia nada aconteceu. De repente viu um menino e, quando o olhou mais de perto, notou que as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Conrado o acolheu e soube que ele havia perdido sua mãe na confusão da cidade e que não conseguia encontrar o caminho de casa. Conrado, depois escrever este recado “Deus, peço que me esperes. Voltarei logo!”, deixou a porta destrancada e acompanhou o menino até sua casa. Mas a distância era maior do que pensava, de forma que só chegou de volta tarde quando já estava escuro.

Ao aproximar-se de sua casa, viu alguém na janela do seu quarto. Inicialmente se assustou, mas logo se acalmou, seu coração encheu-se de alegria e pensou: “Finalmente, Deus chegou!”. Mas logo se deu conta que era a mulher que vivia com ele no andar de cima da casa. Ela parecia cansada e triste. Conrado soube que não havia dormido por três noites, porque seu filho Petja estava muito doente e ela não sabia mais o que fazer. A febre subia e o pequeno jazia completamente imóvel e já não reconhecia a própria mãe. Conrado ficou com dó da mulher que tinha ficado sozinha com o menino depois que lhe morrera o marido. Juntos, envolveram Petja em panos molhados e Conrado colocou-se ao lado da cama do menino, enquanto a mãe repousava um pouco.

Quando Conrado finalmente voltou para seu quarto era já passada meia noite. Cansado e totalmente decepcionado, foi para cama. O dia terminara e Deus não viera. De repente Conrado ouviu uma voz. Era a voz de Deus. “Obrigado”, dizia a voz: “Obrigado porque me aqueceste contigo, obrigado por

me teres acompanhado pelo caminho até minha casa, obrigado pelo conforto e ajuda, obrigado, Conrado, por me teres acolhido como hóspede”<sup>2</sup>

Em muitas orações pela Ordem, pelos outros e por mim mesmo pessoalmente peço a intervenção direta de Deus e, muitas vezes, o aguardo ansioso. No entanto, ao longo dos anos aprendi que é principalmente na vida de cada dia que se encontra Deus, nas minhas relações, nos serviços que presto, na minha vida cotidiana e no meu trabalho. Aprendi que Deus está muito perto de mim quando me esforço para viver bem, honestamente e com dedicação estes compromissos, serviços e encontros.

No nascimento encarnado do Filho de Deus, Ele se aproximou humanamente de nós e hoje também quer ficar perto de nós.

Faço votos que todos vocês sintam e descubram na celebração do Natal a proximidade e presença de Deus na sua vida pessoal, porque só se reconhecermos seu modo de agir e sua proximidade, aprenderemos a ser-lhe gratos. Isso é muito importante para uma vida feliz, uma fé feliz, um Natal Feliz!

Em nome também dos confrades da nossa comunidade generalícia de São Marcelo, desejo cordialmente a todos um FELIZ NATAL e um PRÓSPERO ANO NOVO!



*Frei Gottfried M. Wolff*

frei Gottfried M. Wolff O.S.M.  
prior geral

Roma, 25 de novembro de 2018  
Solenidade de Cristo Rei  
Prot. 357/2018

<sup>2</sup> Hoffsummer W., Kurzgeschichten 2, Mainz 1983,14-15.